



KRAUSS, Charlotte. Teatro épico/Teatro épico/ Théâtre épique/ Epic theater. In: **Revista Épicas**. Ano 3, Número Especial 2, Set 2019, p. 1-5. ISSN 2527-080X.

TEATRO ÉPICO/TEATRO ÉPICO/THÉÂTRE ÉPIQUE/EPIC THEATER

Charlotte Krauss¹

1.

Definimos como teatro épico, em sentido amplo, qualquer obra dramática cuja forma ou conteúdo seja inspirado no modelo da epopeia. Levamos em conta (1) os casos de adaptações cênicas de textos literários definidos como epopeias (como a adaptação de *Os Lusíadas* de Camões por Geraldo Chacon em 2016), que colocam notavelmente o problema da transposição no mundo multimídia do teatro e uma redução significativa de textos frequentemente muito longos. Em um nível mais independente, consideramos (2) obras dramáticas cujas ações ou personagens são diretamente influenciados pelo cenário histórico, o maravilhoso ou o heroísmo épicos - assim como muitos dramas históricos que colocam em cena multidões populares e/ou heróis exemplares liderando uma batalha de valor nacional (por exemplo, *Boris Godunov*, de Alexander Pushkin, publicada em 1831 ou *Hermanns Schlacht* de Klopstock, publicada em 1769). Por fim, definimos como teatro épico (3) obras dramáticas influenciadas pela forma da epopeia

¹ Professora-Doutora da Université de Poitiers, França. Coordenadora do GT 12 - Análise da função política do discurso sobre o épico.

- muitas dos quais “teatro de poltrona” ou “dramas para ler” provando que não são passíveis de encenação, pelo menos na época de sua publicação, por seu tamanho excessivo e, sobretudo, pela introdução de uma ou mais vozes narrativas em um texto cuja forma se destinava à performance (por exemplo, na famosa terceira parte de *Aïeux*, de Adam Mickiewicz Mickiewicz, publicada em 1832). Muitos exemplos apresentam, na realidade, misturas das categorias 2 e 3. A compreensão brechtiana do teatro épico, hoje a mais difundida, deriva da terceira categoria, o teatro “narrado” ao qual o escritor alemão Bertolt Brecht opôs, em 1926, o teatro “representado”, buscando substituir a ilusão teatral por uma distância que incitaria o espectador a refletir. Embora um diálogo com esse conceito possa ser estimulante, propomos uma compreensão mais ampla do termo no âmbito dos estudos consagrados ao épico.

(Versão em português por Christina Ramalho)

2.

Definimos el teatro épico en sentido amplio como cualquier obra dramática cuya forma o contenido se modela a partir de la epopeya. Tenemos en cuenta (1) los casos de adaptaciones escénicas de textos literarios definidos como epopeyas (como la adaptación de Geraldo Chacon de *Los Lusíadas* de Camões en 2016), que plantean notablemente el problema de la transposición en el mundo multimedia del teatro y una reducción significativa de textos a menudo muy largos. En un nivel más independiente, consideramos (2) obras dramáticas cuyas acciones o personajes están directamente influenciados por el escenario histórico, el maravilloso o el heroísmo épico, así como muchos dramas históricos que representan multitudes populares y/o héroes ejemplares que lideran una batalla de valor nacional (por ejemplo, *Boris Godunov* de Alexander Pushkin, publicada en 1831 o *Hermanns Schlacht* de Klopstock, publicada en 1769). Finalmente, definimos el teatro épico como (3) obras dramáticas influenciadas por la forma de la epopeya, muchas de las cuales "teatro de sillón" o "dramas para leer" que demuestran que no son reproducibles, al menos en el momento de su publicación, por su y, sobre todo, introduciendo una o más voces narrativas en un texto en forma de interpretación (por ejemplo, en la famosa tercera parte de *Aïeux* de Adam Mickiewicz Mickiewicz, publicada en 1832). Muchos ejemplos presentan, de hecho, mezclas de las

categorías 2 y 3. La comprensión de Brecht del teatro épico, ahora el más extendido, deriva de la tercera categoría, el teatro “narrado” al que el escritor alemán Bertolt Brecht opuso, en 1926, el teatro “representado”, que busca reemplazar la ilusión teatral con una distancia que incitaría al espectador a reflexionar. Aunque un diálogo con este concepto puede ser estimulante, proponemos una comprensión más amplia del término en el campo de los estudios épicos.

(Traducción en español por Christina Ramalho)

3.

Nous définissons comme théâtre épique dans un sens large toute œuvre dramatique dont la forme ou le contenu s’inspire du modèle de l’épopée. Nous prenons en compte (1) les cas d’adaptations scéniques de textes littéraires définis comme épopées (comme l’adaptation des *Lusiades* de Camões par Geraldo Chacon, en 2016), qui posent notamment le problème de la transposition dans le monde multimédia du théâtre et d’une réduction importante de textes souvent très longs. Sur un plan plus indépendant, nous considérons (2) des œuvres dramatiques dont l’action ou les personnages sont directement influencés par l’arrière-plan historique, le merveilleux ou l’héroïsme épiques – ainsi de nombreux drames historiques mettant en scène des foules populaires et/ou des héros exemplaires menant un combat à valeur nationale (p.ex. *Boris Godounov* d’Alexandre Pouchkine, publié en 1831, ou *La Bataille d’Arminius* [*Hermanns Schlacht* – titre d’origine] de Klopstock, publié à partir de 1769). Enfin, nous définissons comme théâtre épique (3) les œuvres dramatiques influencées par la forme de l’épopée – dont de nombreux cas de « théâtre dans un fauteuil » ou « drames à lire » s’avérant injouables, du moins à l’époque de leur parution, par leur longueur excessive et, surtout, par l’introduction d’une ou de plusieurs voix narratrices dans un texte que sa forme destinait pourtant à la représentation (p.ex. dans la célèbre 3^e partie des *Aïeux* d’Adam Mickiewicz, publiée en 1832). De nombreux exemples présentent en réalité des mélanges des catégories 2 et 3. La compréhension brechtienne du théâtre épique, de nos jours la plus répandue, dérive de la troisième catégorie, du théâtre « narré » que l’écrivain allemand Bertolt Brecht opposa, dès 1926, au théâtre « représenté », cherchant à remplacer l’illusion théâtrale par une distance qui inciterait le spectateur à réfléchir. Bien qu’un dialogue avec ce concept puisse être stimulant, nous

proposons une compréhension plus large du terme dans le cadre d'études consacrées à l'épopée.

4.

We define epic theater in the broad sense as any dramatic work whose form or content is modeled after the epic. We take into account (1) the cases of scenic adaptations of literary texts defined as epics (such as Geraldo Chacon's adaptation of *Os Lusíadas* de Camões in 2016), which remarkably pose the problem of transposition in the multimedia world of theater and a significant reduction of often very long texts. On a more independent level, we consider (2) dramatic works whose actions or characters are directly influenced by the historical, marvelous or epic heroism - as well as many historical dramas that stage popular crowds and/or exemplary heroes leading a battle of national value (eg Alexander Pushkin's *Boris Godunov*, published in 1831 or Klopstock's *Hermanns Schlacht* published in 1769). Finally, we define epic theater as (3) dramatic works influenced by the shape of the epic - many of which "armchair theater" or "dramas to read" proving that they are not playable, at least at the time of their publication, by their and, above all, by introducing one or more narrative voices into a performance-shaped text (for example, in the famous third part of *Aiëux* by Adam Mickiewicz Mickiewicz, published in 1832). Many examples present, in fact, mixtures of categories 2 and 3. Brecht's understanding of epic theater, now the most widespread, derives from the third category, the "narrated" theater to which German writer Bertolt Brecht opposed, in 1926, theater "represented", seeking to replace the theatrical illusion with a distance that would incite the viewer to reflect. Although a dialogue with this concept can be stimulating, we propose a broader understanding of the term in the field of epic studies.

(English translation by Christina Ramalho)

Referências/ Referencias/ Références/References

BENTLEY, Eric. **O dramaturgo como pensador**. Trad. Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. Trad. Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRECHT, Bertolt. **Écrits sur le Théâtre**. 2 vol. Paris : L'Arche, 1972-1979.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A origem da tragédia**. Trad. Joaquim José de Faria. São Paulo: Centauro, 2004.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Revista Tempo Brasileiro 72. Teatro sempre. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro**. Trad. Paulo Neves. São Paulo; Martins Fontes, 1995.